

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : J B

CLASS. : _____

DATA : 18 07 87

PG. : 4

Índios prendem 3 que desceram de avião no Xingu para garimpar

BRASÍLIA — Ao descer no final da tarde de anteontem num campo de pouso clandestino em pleno Parque Indígena do Xingu, os três ocupantes do monomotor Cessna, que segundo a Funai pertence a Goldmine, empresa de comércio de minerais com escritório em Guarantã (MT), tiveram uma recepção inesperada, proporcionada por um grupo de txucarramães de aspecto pouco amistoso. Os índios haviam cercado a pista com troncos de árvores e deram aos garimpeiros "voz de prisão". Era o desfecho da ação relâmpago conjunta entre Funai, Polícia Federal e os txucarramães que pôs fim à garimpagem ilegal de ouro no parque, patrocinada pela Goldmine.

Há três dias, os txucarramães detectaram um movimento incomum de aeronaves nos céus do parque e desconfiaram da existência de uma pista de pouso clandestina. Avisada pelo diretor do parque, Megaron Txucarramãe, a Funai enviou, de Brasília, uma aeronave para o local. Num sobrevôo, o assessor especial da presidência da Funai, Antenor Pimentel, Megaron Txucarramãe e dois agentes da Polícia Federal localizaram a pista de pouso, onde aterrissaram e prenderam Deocides Hernandez, 53 anos, e dois homens conhecidos apenas como *Gordo e Piauí*.

Em seu poder, a Polícia Federal encontrou um rifle calibre 38 e equipamento de garimpo (baterias, instrumentos de perfuração de terra etc). Levado para a Delegacia de Barra do Garças (MT), Hernandez revelou que estava na área há 30 dias em companhia de *Gordo e Piauí*. Contou que haviam decolado no domingo, com mantimentos para 10 dias, para identificar outros pontos da região adequados à construção de novas pistas clandestinas. Ele revelou ainda que as ações do grupo eram financiadas pela Goldmine.

Depois de prestar depoimento, Deocides Hernandez foi liberado, já que em seu poder a Polícia Federal não encontrou vestígios de ouro. Enquanto isso, um grupo de txucarramães montava vigília nas proximidades da pista de pouso, à espera dos outros integrantes do grupo. Até a tarde de ontem, os garimpeiros continuavam presos no Parque Indígena do Xingu, à espera de uma avião da Funai que os levaria a Barra do Garças.

Goldmine diz que não são seus funcionários

O diretor da Goldmine Metais Preciosos S.A., José Barbosa Mello, negou que a empresa tenha qualquer relação com o grupo de garimpeiros presos anteontem pela Polícia Federal num campo de pouso clandestino no Parque Indígena do Xingu. Demonstrando surpresa com a declaração do garimpeiro Deocides Hernandez, de que o grupo seria patrocinado pela Goldmine, o diretor disse que a empresa não financia operações do gênero.

— Somos uma firma estabelecida no mercado e não temos porque nos meter em encrencas — argumentou Barbosa Mello.

Ele acredita que o garimpeiro preso usou o nome da Goldmine na esperança de "sair mais fácil da encrenca" em que se meteu ao aterrisar com o avião num área proibida. Acrescentou que a Goldmine não tem aviões de transporte e costuma operar com aparelhos da Brink's e da Minas Forte. "Quem sabe eu tenho um avião que desconheço?", ironizou, ao saber que os garimpeiros presos estavam num monomotor Cessana que a Funai disse pertencer à Goldmine.

Barbosa Mello disse que a Goldmine compra ouro através de 43 escritórios espalhados pelos estados de Mato Grosso, Goiás, Pará e Rondônia e pelos territórios de Roraima e Amapá. Segundo ele, a empresa não envia funcionários aos garimpos devido aos riscos desse tipo de operação.

— Se o cara for ao garimpo e sumir com o dinheiro, a quem vou me queixar?

O diretor explicou que a Goldmine compra ouro de qualquer garimpeiro que tenha carteira provando sua condição, conforme determina a lei. Acrescentou que a Goldmine — cujos maiores clientes são grandes bancos — é a maior empresa operando no campo.

— Se esse tal de Deocides pretendia vender ouro para mim, pode alegar o que quiser para a polícia — disse.